

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CLAUDIA CARDINALE!
1 e 7 de abril de 2026

I SOLITI IGNOTI / 1958 *Gangsters Falhados*

Um filme de Mario Monicelli

Argumento: Age [Agenore Incroci], Furio Scarpelli, Mario Monicelli, Suso Cecchi d'Amico, a partir do conto "Furto in una Pasticceria", de Italo Calvino (não creditado) / *Director de fotografia* (35 mm, preto & branco): Gianni di Venanzo / *Cenários e figurinos:* Piero Gherardi / *Música:* Piero Umiliani / *Montagem:* Adriana Novelli / *Som:* Oscar di Santo, Luigi Puri / *Interpretação:* Vittorio Gassman (*Peppe*), Marcello Mastroianni (*Tiberio*), Renato Salvatori (*Mario*), Totò (*Dante Cruciani*), Tiberio Murgia (*Ferribotte*), Carlo Pisacane (*Capannelle*), Claudia Cardinale (*Nicoletta*), Memmo Carotenuto (*Cosimo*), Gina Rovere (*a mulher de Tiberio*), Aldo Trifeli (*o porteiro*), Gina Amendola (*uma das "mães" de Mario*), Rosana Rory (*Norma*) e outros.

Produção: Franco Cristaldi, para a Lux-Vides (Roma) / *Cópia:* 35mm, versão original com legendas em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 106 minutos / *Estreia mundial:* Espanha, 30 de junho de 1958 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Roma), 13 de novembro de 1959; reposição em 24 de junho de 1970, no cinema Avis.

I Soliti Ignoti, décimo-quinto filme de Monicelli (incluindo aqueles que ele co-assinou com Steno), é um marco na sua obra e na sua carreira, mas não só. Muitos o consideram um filme-chave de uma certa produção italiana, aquele que modifica a comédia italiana (ou *à italiana*, como se costuma dizer), adaptando-a aos novos tempos, à nova Itália que se reconstruía desde o fim da guerra, a Itália do *boom* económico que entrava com entusiasmo na era da sociedade de consumo. No seu livro sobre Monicelli, Stefano Della Casa observa na introdução a este filme que *"em 1958, grande parte das modificações no tecido antropológico italiano já estavam feitas, mas poucos se apercebiam disto. O velho mundo camponês, a pequena Itália das damas de caridade e dos políticos severos com relógio de bolso (sobre os quais se baseavam, por exemplo, as farsas com Totò) ficaram definitivamente para trás. A emigração interna por um lado e o êxito da televisão por outro, contribuíram para amalgamar o público. No cinema, exigem-se agora produtos adequados a um público homogêneo em todo o território nacional, (...) com a ânsia, típica da época, pelo novo e o moderno"*. Nesta ótica, geralmente aceita, este é em grande parte o filme que reformula o cinema cómico italiano, que por sua vez terá um verdadeiro sucesso internacional e suscitará não poucas imitações pelo mundo, da Argentina a Israel.

No filme, todos enganam ou tentam enganar o próximo, porque no cerne deste cinema está o tema do engodo, da falcaturia, do engano. Não do roubo com violência, mas com esperteza e, se possível, com um sorriso. A sequência de abertura de **I Soliti Ignoti** é um extraordinário exemplo disto, já que o realizador começa por enganar o espectador. Tudo leva a crer, nos planos de abertura, que estamos num filme policial. Não falta sequer a música de jazz para dar um ar americano à ação (os americanos são mestres no filme policial e inventaram o *filme negro*). Mas em poucos instantes, descobrimos que estamos numa comédia, porque a incompetência dos dois ladrões é tal que eles não conseguem sequer roubar o rádio de um carro. Mais tarde juntam-se a outros igualmente incompetentes e tentam dar um "golpe genial", numa atitude que lembra um provérbio coligido por Fernando Pessoa: *"Alfaiate português: não sabe coser e quer cortar"*. No desenlace, estas autênticas encarnações humanas do coite que persegue o Road Runner nos desenhos animados percebem que é a si mesmos que tentam enganar, reconhecem que não têm a menor vocação para ladrões de envergadura ou mesmo medianos e se resignam à vida normal, exceto o mais velho do grupo (sobrevivente da *"pequena Itália"* de que fala della Casa no texto citado acima), que se recusa a se submeter à desgraça suprema, à pior condenação: trabalhar. O êxito do filme foi tamanho que no ano

seguinte foi feita uma espécie de sequela, **L'Audace Colpo dei Soliti Ignoti**, com Gassman, Salvatori e Cardinale, como se aquele grupo de cretinos fosse um personagem cômico coletivo. Mas Monicelli recusou-se a realizar este filme, o que permitiu a Nanni Loy fazer a sua estreia. Mais tarde, foram feitos alguns *remakes* mais ou menos diretos. E ao restaurarem o filme, como se pode verificar nesta cópia, alguém teve a ideia bárbara de mexer no som e inserir uma espécie de Dolby absolutamente abominável, mas que não basta para estragar o prazer do espectador. A título de curiosidade cinéfila: tinha sido previsto que o filme reutilizaria os cenários de **Notti Bianche**, de Visconti, mas estes foram destruídos antes da rodagem começar.

A tradução literal do título, *os desconhecidos do costume*, talvez seja uma alusão a uma das réplicas mais célebres do cinema, “*prendam os suspeitos do costume*” em **Casablanca**. No filme de Monicelli, estes culpados não são suspeitos, são desconhecidos porque são de uma incompetência crassa. Ainda que o título do filme não tenha sido pensado em alusão a esta réplica, há nele elementos “cinéfilos” irrecusáveis. O tema do assalto genial que fracassa é um clássico do cinema *negro* ou de *gangsters*. Vem logo à lembrança **The Asphalt Jungle**, de John Huston e a crítica da época assinalou as semelhanças com a trama narrativa **Du Rififi Chez les Hommes**, realizado três anos antes por Jules Dassin (Jean Douchet, por exemplo, intitulou o seu artigo em *Arts*: “**I Soliti Ignoti**, excelente paródia de **Rififi**”). Monicelli e os seus três ilustres co-argumentistas foram extremamente astuciosos ao mostrarem personagens que os espectadores podem perfeitamente perceber, mas com os quais não se parecem em demasia. A escolha de atores dificilmente poderia ter sido mais feliz, todos são perfeitos, individual e coletivamente. Note-se que este foi o filme que lançou Claudia Cardinale, que só tinha então feito uma aparição em **Goha**, filmado na sua Tunísia natal por Jacques Baratier e também foi o primeiro papel cômico de Vittorio Gassman. O galã-vedeta, que fazia textos clássicos no teatro (onde trabalhou diversas vezes sob a direção de Luchino Visconti) e papéis de “mau” no cinema, revelou aqui a sua veia cômica. Quanto a Totò, de quem Monicelli fora um dos realizadores oficiais é mencionado no genérico como *vedeta convidada*. É exatamente o que ele é, uma vedeta bem mais velha que os outros, que tem um papel relativamente breve mas crucial, de mentor do grupo para os aspectos técnicos do assalto. Da primeira vez que Totò surge na tela, Monicelli age com extrema habilidade: estamos numa sala às escuras na qual se projeta o catastroficamente péssimo filme de *répérages* para o assalto, não vemos Totò de imediato, só depois de um contra-plano que o mostra de frente; e logo antes do assalto, Totò despede-se do grupo e dos espectadores e sai do filme, enquadrado de três quartos de costas. Estes são alguns dos exemplos mais nítidos de que **I Soliti Ignoti** não é um filme “de argumento” (embora este seja brilhante e metuculoso), mas de *mise en scène*.

Monicelli e os seus argumentistas conseguem evitar que a narrativa se transforme num filme em episódios, um risco que realmente pairava sobre o filme, pois era preciso pelo menos esboçar o *background* de cada um dos cinco protagonistas. Como todos têm o mesmo objetivo, a ação é coesa e a necessidade de definir os protagonistas individualmente suscita alguns divertidos momentos: a compra de três chapéus-de-chuva por Renato Salvatori para a sua mãe, que descobrimos serem três mães não biológicas; o siciliano que tranca a irmã em casa, o que suscita o divertido *gag* da chave, utilizado três vezes, nunca da mesma maneira e sempre com uma função dramática; e já que um siciliano é uma espécie de forasteiro na Itália continental, o siciliano do filme cita divertidos provérbios, provavelmente apócrifos (“*A mulher picante para amante, a que sabe cozinhar para casar*”). A narrativa do filme é extremamente rápida, mas nenhuma das inúmeras iniciativas dos protagonistas dá em nada, tudo deve ser sempre recomeçado e nada nunca é concluído, numa ação sem ação com ritmo absolutamente perfeito. Todos estes elementos fazem de **I Soliti Ignoti** uma pequena proeza cinematográfica, cujo resultado é divertido e inteligente, uma obra-prima de género.

Antonio Rodrigues